

# O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...»

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quae sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium tri-  
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.»

ID. 13. 14.



O PADRE BECKX

General da Companhia de Jesus

GUIMARÃES 15 DE ABRIL DE 1885

## A Historia Verdadeira da Inquisição e o Episcopado Portuguez

No passado numero tivemos a satisfação de publicar uma carta do nosso venerando Prelado, e já hoje tornamos conhecida dos leitores do *Progresso Catholico* uma Provisão de Sua Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> approvando e recomendoando a nossa edição da *Historia Verdadeira da Inquisição*. Grande é a alegria que sentimos ao archivar documentos para nós tão honrosos e de tanta uti-

lidade para a Igreja nossa Mãe e mestra e para a sociedade; pois que não só, na provisão, que na seguinte pagina publicamos, se faz a justiça devida a uma obra escripta para a gloria de Deus e da sua Igreja, senão também, graças á summa bondade do virtuoso Pastor que ora preside aos destinos d'esta vasta archidiocese, nos é dado o honroso titulo de verdadeiro catholico, com que nos comprazemos, pois que é esse o titulo que mais nos exalta, que mais nos eleva acima dos infelizes que se envergonham de ser catholicos.

Muitas graças, por isso, a Sua Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, Aquem reverentes beijamos o anel episcopal, ao

mesmo tempo que pedimos ao nosso bom Deus dilate os annos do apostolado do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Antonio José de Freitas Honorato, para gloria e esplendor da Igreja, felicidade da Archidiocese Bracarense e para que nós continuemos a merecer as graças que S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> tão sabiamente sabe dispensar a todos que trabalham pelo bem.

A seguinte Provisão, que tanto contentára nossa alma irá a Hespanha encher de santo orgulho o notavel historiador, autor da obra que por todos os catholicos merece ser lida.

Teixeira de Freitas.

PROVISÃO  
DE  
SUA EXC.<sup>a</sup> REV.<sup>ma</sup> O SNR. ARCEBISPO DE BRAGA  
PRIMAZ DAS HESPAÑHAS

APPROVANDO A HISTORIA VERDADEIRA DA INQUISIÇÃO

DOM ANTONIO JOSÉ DE FREITAS HONORATO, por merecê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, etc. etc.

**C**ONSIDERANDO de quanta importancia e utilidade seja a leitura de bons livros que, estabelecendo principios de boa e sã doutrina e restabelecendo a verdade dos factos, dissipam os erros com que a impiedade e a descrença pervertem o espirito e o coração ;

Havemos por bem aconsellar a todos os Nossas amados Diocesanos que desejarem ter conhecimento do que foi na Peninsula o tribunal da Inquisição, que tão calumniada tem sido, e particularmente recomendar ao Revd.<sup>o</sup> Clero como muito proveitosa a leitura da HISTORIA VERDADEIRA DA INQUISIÇÃO, por D. Francisco Xavier G. Rodrigo, obra de merito, ha pouco traduzida em vulgar pelo Revd.<sup>o</sup> Snr. Manoel José Gonçalves Preza e editada pelo Snr. José Antonio Teixeira de Freitas, da cidade de Guimarães, cujos sentimentos verdadeiramente Catholicos são já bem manifestos.

Dada em o Nosso Paço de Braga, sob Nosso Signal e Sello das Nossas Armas aos 17 de Março de 1885.

*Antonio, Arcebispo Primaz.*

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Os exercicios espirituaes do clero da Diocese d'Angra do Heroismo em 1884

Discurso pronunciado no 2.º dia de manhã pelo Vigário de S. Sebastião—Manuel Jose dos Santos Peixoto.

Continuado do n.º antecedente

**A**il não olvidemos jamais que o Senhor Deus resiste aos soberbos e exalta os humildes, que abandona os corações obeceçados, e que nega a sua luz aos cegos voluntarios.

Imploremos-lhe antes a graça da docilidade, que tão indeclinavel nos é sempre, e agora mais do que nunca peçamos-lhe os seus socorros, e como o Rei Propheta, digamos-lhe muitas vezes contrictos: *De profundis clamaui ad te Domine; Domine exaudi vocem meam.* Pequenos e fracos como somos, ó Vós, Deus nosso, que sois grande e forte clamamos e imploramos, dignae-vos attender aos nossos clamores e escutar as nossas vozes:—*Fiant aures tuae intendentes in vocem deprecationes meae.* Que em vossos ouvidos reprecau o ecco das nossas deprecações. Do abysmo do nosso nada, no meio das nossas iniquidades que são muitas,—infinitas—como poderemos subsistir perante Vós, se não fordes servido—O' Senhor!—esquecel-as e não enumeral-as?—*Si iniquitates obseruaueris Domine, Domine quis sustinebit?*—Valha-nos a vossa bondade! e já que tanto vos apraz o perdão e a propiciação, fundados na vossa lei que d'ora avante promettemos nunca mais havemos de infringir, esperamos que de vós nos venha o auxilio de que carecemos. *Quia apud te propitiatio est, et propter legem tuam, sustinuit te, Domine.* A nossa alma confia nas vossas indefectíveis promessas, espera tudo de Vós: *Sustinuit anima meo in verbo ejus: sperabit anima mea in Domino.*—Porque vós sois, Senhor, todo amor, todo misericórdia, e a vossa redempção, é exuberante, copiosa e magnanima. *Quia apud Dominum misericordia, et copiosa apud eum redemptio.* O que provaste com Israel, esquecendo todos os seus erros, obliterando todas as suas iniquidades. *Et ipse redimit Israel, ex omnibus iniquitatibus ejus.*

A terceira e ultima disposição interior, é uma vontade efficaz para a acção, quero dizer,—para levar a effeito o bem, é preciso querel-o.

A inconstancia é a causa primordial da nossa ruina. E' sempre por fraqueza que cedemos ao peccado.—Pois bem:—será ou não certo que vindo este anno aos exercicios, temos só em mira a nossa conversão? Ou melhor ainda:—Queremos deveras reconciliar-nos com Deus? Apraz salvar-nos, e salvar os outros, isto é, as almas que hão sido confiadas á nossa sollicitude parochial, ao nosso ministerio de pastores e padres, quertenhanos ou não ovelhas e rebanho?

Se não é este o nosso fim, se é diversa a nossa intenção, e o nosso intuito, para que vimos então meditar sobre os desvios da nossa vida, em face de Deus, e dos seus altares?

O' vontade humana! tu és poderosa e archi-potente, quando o queres!—Ao teu impulso abatem-se os montes, e erguem-se as collinas: porfuram-se os istmos, e incurtam-se as distancias: illuminam-se as trevas, e ensombram-se os raios luminosos;—no commercio e na agricultura, na industria e nas bellas artes, na mechanica e na phisica, nas sciencias naturaes e nos modernos inventos, tu obras prodigios, tu fazes maravilhas! O mundo marcha! o progresso avança a passos de gigante!—mas ai!... na balança que sustentas entre o ceo e a terra, para ti só tem valor a concha material, e tão pouco a moral!

(Continua.)

21 de julho de 1884.

Vigário, Manoel José dos Santos Peixoto.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### As conferencias quaresmaes na Sé do Porto em 1884

POR MONSENHOR RODRIGUES VIANNA

(Continuado do n.º antecedente)

V

#### o Apostolado do Clero em face da—Regeneração social

**P**ARA onde vaes, joven ordinando, no verdôr dos annos, quando o mundo te offerta cordões de rosas, e te doiram os sonhos as mais

seductoras esperanças? Para onde vaes amortalhado em vida, quando a vida te circula nas veias exuberante e evolutiva, como a seiva primaveral nas arterias occultas da terra, e se te espadana fervida do coração, como os jorros da cataracta do Niagara, e se te dilata expansiva á luz da ideia e ao calor do sentimento, como a flôr que se abre e se expande ao beber a luz e assimilar-se o raio do sol matutino? Para onde vaes? Ah! tu vaes para onde te leva o impulso d'um amor sobranceiro a todos os amores terrenos, que te alevanta acima de ti mesino para seres um heroismo da fraternidade, d'essa sublime fraternidade do Evangelho, que sabe morrer para o mundo dos que se dizem ditosos, e viver sómente para Deus e para seus irmãos. Bem hajas! Outros, n'essa idade dos grandes ideaes e das grandes commoções, contemplaram o diadema luzento que cinge a fronte do sabio, e disseram extaticos — quoremos ser homens do pensamento, e lidar pelo ideal da verdade! ou contemplaram a aureola constellada, que exorta a fronte do artista, e disseram extaticos — quoremos ser homens do escôpro, e lidar pelo ideal do bello! outros, enfim, contemplaram a corôa de loiros que enrama a fronte do soldado, e disseram extaticos — quoremos ser homens da espada, e lidar pelo ideal da gloria! Tu, porém, joven levita do Senhor, alçaste mais alto as tuas vistas; contemplaste a corôa d'espinhos, que punge a fronte do divino Modelo, e o rastro de lagrimas que a humanidade vae deixando após de si, atravez do calvario da vida, e disseste—quero ser Padre, quero ser o homem do sacrificio, quero morrer vivendo para aviventar os desgraçados, quero lidar pelo ideal da santissima fraternidade de Jesus! Bem hajas!

E vós já tendes visto, senhores, o que faz esse novel candidato do sacerdocio no dia memorando, em que é ungido o investido n'elle e consumma o seu sacrificio, sacrificio tanto mais generoso e nobrissimo quanto menos comprehendido o apreciado n'este seculo desvirtuador das grandes missões, que deslumbra o entendimento? Já tendes visto? E' uma cerimonia profundamente significativa e profundamente commovedora, que ninguém pôde presenciar a olhos enxutos.

O joven ordinando, já adornado das vestes sagradas, penetra no templo e dá um passo para o altar, — passo tremendo que abre entre elle e o mundo um abysmo de eterna separação; depois tres vezes se prostra sobre as lapides do sanctuario, como quem procura um sepulchro, onde, em vez da morte, se transfigure a vida; e, de

feito, elle achou alli esse sepulchro. Dir-se-hia que uma d'aquellas lapides do sanctuario se ergueu de repente, e de repente tombou e chumbou-se, patenteando ao joven ordinando, nos florentes annos da vida, este severo epitaphio: — *Aqui morreu para sempre, e transfigurou-se o teu coração egoista; esse, que te palpita no seio, é o coração do Padre, o coração do homem fraternal.*

E quando elle se levanta, e d'ahi a pouco, já circumdada a fronte briosa da aureola especiosissima do sacerdocio catholico, olha em volta de si e busca a patria, o coração fraternal respondeu-lhe — a tua patria é onde quer que se arvora a Cruz; e se busca a familia, o coração fraternal respondeu-lhe — a tua familia é a grande familia da humanidade; e se busca o domicilio, o coração fraternal respondeu-lhe — o teu domicilio é o tugurio do pobre, a cabeceira do enfermo, e o templo de Deus vivo; e se busca o seu thesoiro o a sua herança, o coração fraternal respondeu-lhe — o teu thesoiro será nas mãos myrradas do pobresinho, e a tua herança é o Céu.

Não exagero, senhores; o Padre é traçado d'est'arte no quadro original do Evangelho: e se nem todos realisam fielmente o primor do original, é porque não ha quadro sem sombras. O Padre é obreiro desvelado, é mais, é o exemplar vivo da fraternidade social; é mais ainda, é a sua personificação até ao sacrificio, até ao holocausto d'uma existencia inteira.

Procurae-o, e não haveis de encontral-o nas galas, nos festins, nos theatros e nos sarões; e, se por vezes o encontrardes ahi, é porque elle depôz a sua mortalha, e o coração já não lhe palpita por debaixo d'ella; mas haveis de encontral-o onde quer que hajam prantos para enxugar, fé para inspirar ou fortalecer, clemencias e alivios para espargir, instrucção moral e litteraria para derramar, e feras para converter em homens, e homens para elevar até anjos. Haveis de encontral-o. . .

E' noite, noite escura o tormentosa: nem as aves nocturnas se atrevem a sahir das suas guaridas, e, mal o homem de Deus repousa extenuado das fadigas do seu improbo ministerio, bate-lhe á porta o mensageiro da dor. E' necessario acudir ao moribundo que reclama a ultima benção do perdão, a ultima influencia benéfica da Egreja, que se projecta sobre o mysterio da eternidade. E o mensageiro da dor não hade bater duas vezes á porta do anjo da caridade fraternal. Elle parte, corre, vôa pressuroso, galgando serras alpestres, vadeando torrentes, caudalosas, resva-

lando em lo lações immundas, com batidas de chuva nevada a fustigar-lhe o rosto esbraseado, e o claro sinistrio do relampago a alumiar-lhe os passos incertos, e a frente inundada de suores. Ah! dizoi nos homens da fraternidade humanitaria d'esto seculo que vão, por uma noite d'aquellas, contemplar a morte esvoaçando por sobre o derradeiro arquejar do moribundo, ajudar-lhe a partir sem dôr os vinculos que o prendem á terra, á esposa e aos filhos conaternados, o thesaurisar-lhe no cofre das infinitas misericordias a ultima lagrima que lhe desliza pelas faces pallidas, e já quasi cadavericas, e vem morrer aos pés da Cruz, dizoi. Mas basta! Onde me leva o meu assumpto? Perdão: que de certo ultrapassei os limites marcados a um discurso, para não se tornar fastidioso.

Illustre assembleia! Vou concluir estas humildes Conferencias quaesmaes, apontando-vos para o astro fixo que me serviu de norte, e que foi como que o centro convergente de todo o meu desprimorado labor; e podeis crer que me sinto feliz, ao revelar-vos o seu nome tão doce para os meus labios, tão harmonioso para o meu coração sacerdotal — a paz! Sim, a paz entre o seculo e o apostolado do Clero — tal foi o meu proposito, o meu ideal, o astro, o polo, para onde procurei encaminhar sempre a derrota, que acabo de fazer atravez d'un vasto mar, não sem escarceus. E porque não hade celebrar-se esta paz? porque não hade surgir das trevas do meu acanhado pensamento, e raiar nos largos horisontes illuminados d'este seculo um astro de tão benéficos influxos? Porque?

O' meu seculo! escuta-me; pesa os argumentos que adduzi, e que vou epilogar-te rapidamente. Escuta-me; eu sou teu filho, e admirador entusiasta das tuas grandezas e do teu immenso poderio em todos os dominios do mundo phisico; e contristio-me, não posso deixar de contristar-me, ao vêr inscripta como rotulo na tua bandeira, e repetida em clamoroso fremito por todos os eecos do teu progresso, essa senha de guerra, que te deslustra e amesquinha — *O Clero — eis ahi o teu inimigo!* Não pôde ser. Urge eliminar esse rotulo, proscriver essa senha, e pacificar a guerra que ella suscita, urge: para que a historia não haja de registrar que tu, ó seculo gigante! foste um seculo contradictorio e antinomico contigo mesmo, porque te distoste grande e hostilistaste o Padre — a radiação mais para e mais fulgurante da infinita grandeza de Deus sobre a terra; e porque te distoste poderoso e hostilistaste o Padre, que sendo im-

parecível em seu caracter, em sua dignidade o ministerio, zomba de todos os accommetimentos, torna ridiculos e irrisorios todos os poderios, que framem impotentes para derribarem o seu throno inconcusso. — Foi o meu primeiro argumento, a minha primeira tentativa de paz, o assumpto discutido na primeira d'estas Conferencias.

O' meu seculo! tu hesitas, eu bem o sei, porque, evado de prejuizos, julgas que o Padre é inimigo das tuas luzes, e se compraz em obscurecer o brilho e entorpecer a marcha da civilisação, que fazes irradiar deslumbrante por toda a parte. Não pôde ser. Urge que deponhas esses prejuizos que te desluzem, ó seculo luminosissimo! O Padre, longe de ser inimigo da tua civilisação, pelo contrario favorece-a em todas as suas legitimas manifestações; longe de obscurecer-lhe o brilho, pelo contrario augmenta-lhe a intensidade; e longe de entorpecer-lhe a marcha, pelo contrario dirige-a certamente: é o teme que a proeja, é a bussola que a annortea. — Foi o meu segundo argumento, a minha segunda tentativa de paz, o assumpto discutido na segunda d'estas Conferencias.

O' meu seculo! Vae guindado o teu progresso material; mas o nivel do teu progresso moral está muito em baixo, e tu mesmo o reconheces quando por vezes, ao attentares na pustula cancerosa da immoralidade, que dia a dia se alarga e se aprofunda, ameaçando devorar todas as forças vitaeas da sociedade contemporanea, meditas preoccupado um systema que a regenerere moralmente. E pretenderás acaso achar esse systema, alheando d'elle a acção moralisadora do Padre? Não pôde ser. Urge que o chames em teu socorro, porque só elle é que tem a chave mysteriosa dos reconditos impene-traveis da consciencia humana; e, só extinguindo-se o mal ahi no seu foco alimentador, é que pôde operar-se devidamente a regeneração moral do individuo e das sociedades. — Foi o meu terceiro argumento, a minha terceira tentativa de paz, o assumpto discutido na terceira d'estas Conferencias.

O' meu seculo! Tu és apaixonadamente devotado á grande causa social; labutas por ella com tal ardor, que por vezes deliras, e excedeste desastradamente; e, no entanto, empenhas te em desvirtuar por todos os modos a influencia social do Clero, inculcando-o aos povos como inutil, e até nocivo, para o engrandecimento e prosperidade das sociedades. Não pôde ser. Urge que te retractes. O Padre é um dos mais eleva los e prestimosos agentes sociaes, porque é sua missão combater o egois-

mo que destruo, e personificar a fraternidade que estabelece e firma a união e a harmonia, principios vitalisadores, elementos essencialissimos, sem os quaes nenhuma sociedade pôde subsistir.—Foram os meus dous ultimos argumentos, as minhas duas ultimas tentativas de paz, o assumpto discutido nas duas ultimas conferencias. Que resta?

O' meu seculo! desfralda o teu pendão, arvora o bem alto, e faz ressoar em todos os dominios do teu progresso: —Paz entre mim e o apostolado do Clero! O programma d'esse apostolado está em perfeita harmonia com o lemma da minha bandeira. Eu quero a luz, e elle espargê-a; preocupame a regeneração moral das sociedades, e elle effectua-a; labuto pela união e harmonia social, e elle sacrifica e sacrificá-se por ella. Paz! . . .

E agora, e por ultimo, ainda uma vez como sempre, a minha vingança, a vingança do Padre—uma palavra de perdão, aos pés d'aquella Cruz, para os censores inconscientes e depreciadores gratuitos do Apostolado eminentemente social do Clero catholico!

Sim! ó Cruz divina! tu, que és o livro e a inspiração, o arrimo e o consolo e o alento e todo o segredo da vida do Padre, do teu soldado nato, do teu discipulo estremado e fidelissimo; tu, que és o fanal luminoso, com que elle desterra do mundo toda a sombra do erro, o diffunde e faz resplandecer toda a luz da verdade; tu, que és a chave e o sceptro d'ouro, com que elle se patentêia, sujeita e domina o mysterioso mundo da consciencia humana; tu, que és a ara santissima, symbolizada na ara do templo, em que elle immola, immolando so a si mesmo com ella, a victima de infinito valor que morreu por todos para que todos se amem, se abracem e vivam unidos como irmãos; ah! não clames vingança sobre os que, menospresando e insultando o teu sacerdote, ó n ti mesmo que menospresam e insultam! não clames vingança; mas desça sobre elles, como descera dos teus braços redemptores, na hora suprema em que o Justo te orvalhára, e sanctificára com o seu sangue preciosissimo, desça o pergão da infinita misericordia! . . .

(Fim das Conferencias de 1884.)

## SECÇÃO CRITICA

Um attentado contra os bens e a dignidade de uma freira

**M**AIS um attentado contra a propriedade, mais um assalto cobarde, estúpido,

atheu, á casa do Senhor! Não havia carencia de soldados, que nem o numero d'elles augmentou; mas era preciso escalar o convento, rasgar mais uma fenda na *porta Pia*, e lançar á rua a freira, a mulher que consagrara todos os dias da vida aos encantos austeros da religião monastica, e apontal-a ainda ás multidões como uma infame, que calcava aos pés os sagrados votos que fizera junto da cruz. Não se contentaram os espoliadores do convento com os *trophæus do combate* e despojos do vencido; quizeram ainda marcar na frente d'este o stigma da cobardia e da apostasia.

Infames! Cobardes!

Infames porque escalaes a casa que mesmo por vossas leis não era vossa ainda. Cobardes, porque insultaes a mulher veneranda, no que ella mais presa—a fé. Infames e cobardes porque estaes escudados com as bayonetas, e livres de remorsos porque não acreditæes na Providencia, porque não tendes consciencia.

Espoliou-se a freira, dessem-lhe a rua por morada, que isso é proprio de selvagens; mas que se inventem trapassas, que a mentira seja propalada para colorir o mau effeito produzido, isso é que não pode admittir-se, porque repugna a um povo livre.

Mas podem dizer-nos os espiritos fortes: que provas ha para se condemnar o proceder de quem tomou conta do convento de Sá em Aveiro, para n'elle aquartellar um regimento de tropa?

As provas? quereis provas? Aqui vão as provas:

Em varios jornaes do paiz encontramos a noticia seguinte:

«*Convento de Sá em Aveiro.* Já não existe esta casa religiosa, diz o *Campeão das Provincias*, do dia 18, casa que havia sido fundada em 1644 e que nos ultimos vinte annos esteve por diversas vezes em risco de ser extincta. A ultima religiosa professa que alli existia, e que era a abbadessa, a exc.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Anna Benedicta de Castro, obtendo do nuncio de sua Santidade licença para residir fóra da clausura, requereu ao governo que lhe fosse dada a pensão annual de 600\$000 reis, tomando desde já a fazenda nacional posse de todos os haveres do convento.

O governo, visto o informe favoravel do venerando prelado o exc.<sup>mo</sup> e revd.<sup>mo</sup> snr. bispo-conde, deu prompto deferimento á petição da virtuosa abbadessa, que hontem, pelas 8 horas da manhã, deixou

a casa onde havia professado em 1826, a fim de ir viver para a freguezia de Fermelã, no concelho de Estarreja. Acompanharam-na as senhoras que com ella viviam e bem assim o antigo capellão do convento.

Os snrs. conego arcipreste José Candido Gomes de Oliveira Vidal e 1.º official da repartição de fazenda do districto José Ferreira Correia de Sousa, receberam as chaves do edificio e os objectos pertencentes ao culto.»

Lendo-se esta noticia parece que o governo não fez mais, pondo no olho da rua a pobre freira, que satisfazer ao desejo da mesma freira, dando-lhe a liberdade por ella desejada e por ella perdida não só ao governo, mas, o que é mais, ao Snr. Nuncio Apostolico. Vê-se tambem que a freira trocava de bom grado a vida monastica, e vendia ao governo o usufruto da sua casa, pela pensão annual de 600\$000 reis. Não é isto o que se depreheende da noticia que ahi fica?

Pois senhores, ainda que pese aos amigos das freiras vamos desmentir o que diz o *Campeão das Provincias* e que nós tiramos do *Jornal do Porto*, e vamos dar-lhe o desmentido mais formal, que já mais se tem arremessado ás faces de gente sem vergonha.

E' com a despedida que a virtuosa esposa de Jesus Christo faz ao abandonar a casa onde entrara creança, que nós vamos desmentir as calumnias, com que o atheismo portuguez quiz legalisar o acto mais altamente attentatorio dos direitos de um povo.

Leia-se sem lagrimas, se é possível a seguinte:

### DESPEDIDA

«Tendo sido obrigada pela mais atroz violencia a abandonar o meu querido Convento, onde vivi desde a infancia e a retirar-me de Aveiro, fugindo á perseguição, que tão injustamente me moveram, venho por este meio dirigir a minha palavra de despedida ao bom povo da mesma cidade, de quem não tenho o menor resentimento e de quem só recebi attenções e respeito durante a minha longa existencia n'aquella veneranda casa, que eu tanto estremecia, e onde deixo encerrado o meu coração até o ultimo momento que Deus, Senhor Nosso, me conceder de vida.

Nunca pensára que no ultimo periodo da minha existencia me obrigassem a apartar-me da minha pobre cella e do meu querido côro, que nunca jámais abandonaria

e alli morreria, se, apesar de me privarem da cerca e da maior parte do meu Convento, me deixassem o claustro, como tanto pedi, e sem o qual se tornára humanamente impossivel persistir alli, pois que ficámos, eu e as minhas boas companheiras, privadas d'agua e de ar livre, encerradas entre paredes e sem termos onde dar dois passos fóra da cella e do côro e em summa sem as commodidades mais indispensaveis á vida!

A Divina Providencia aprouve visitar-me com esta gravissima provação, e eu, resignada com a Sua SS.<sup>ma</sup> vontade, a Ella me curvo respeitosa, obedecendo a Seus insondaveis decretos e offerecendo-Lhe o penoso sacrificio que tive de affrontar na minha já tão propecta cidade!

Por esta occasião devo declarar que, tendo-me constado, que se publicaramahi umas cartas, que se diziam dirigidas a mim por um religioso da minha Ordem, eu nunca taes cartas recebi, nem mesmo li essas, que se estamparam na imprensa e que são apocriphas e obra de embuste, com que de certo quizeram escarnecer das amarguras porque me fizeram passar.

Que o bom povo catholico de Aveiro e suas circumvisinhanças, que tantas vezes veiu á minha Igreja entoar commigo hymnos de louvor ao Nosso Bom Deus, accete a expressão da minha saudade e do meu reconhecimento e permitta que eu termine já aqui as minhas sinceras e cordeaes palavras, porque as lagrimas m'as embargam, e o silencio d'ellas... diz tudo!!

Aveiro, 15 de março de 1885.

A ex-Abbadessa do Convento de Sá.—*Soror Anna Benedicta de S. Miguel.*

Vá para a historia vergonhosa dos ultimos cincoenta annos mais este insulto á verdade, mais esta injuria cuspidá na bandeira portugueza, por filhos degenerados d'esta nação que regeu em eras idas, a mais bella escola da mais alta fidalguia. Hoje a crápula substituiu a hombridade com que os antigos filhos de Portugal tiravam da espada para vingar afrontas, e com o mesmo affinco com que os leaes portuguezes defendiam as damas, as ultrajam hoje os coripeus do maçonismo por meio de portarias e artigos de gazetas.

E' que os portuguezes de outr'ora blandiam a espada no fragor dos combates ou nos placidos jogos das festas, mas sempre ao sol ra-

dante da fé e da gloria, brilhando sempre á luz pura e clara do dia; os de hoje tem em vez da espada valentç do soldado, o punhal cobarde do assassino, que só brilha no palor das trevas. E esse punhal é umas vezes polida lamina de aço cravada no peito do cidadão probo, do catholico de puras crenças, ou a portaria de ministro atheu que insulta um Principe da Igreja, ou *mandado de despejo* apresentado ao superior de qualquer casa religiosa. Mas é sempre o punhal do bandido, ensaiado a manejar destramente nos antros onde a luz da civilisação não penetra.

E' é d'esses antros que ha mais de meio seculo saem as leis que pesam sobre o povo, que o vergam debaixo da pesada carga de barbaras contribuições, que lhe tiraram o refugio santo do claustro, e lhe abriram ampla, rasgadamente milhares de casas de jogo, de devassidão e immoralidade.

Foi uma d'essas leis que obrigou a pobre freire de Aveiro a abandonar a casa onde passou os bellos dias da juventude, onde a neve dos annos lhe branqueou os cabellos, onde esperava morrer, e onde quizera que seus restos descançassem da cruz á sombra. E lá foi a infeliz professa curtir saudades do seu convento, e lá ficaram os pobres de Aveiro sem a protecção paternal do Convento de Sá.

Fique ao menos vindicada a honra, a dignidade, o pundonor da esposa de Jesus, que se pretendeu infamar, e pese toda a responsabilidade do acto brutal, sacrilego, tyrânico, unicamente sobre o governo que despoticamente desgoverna este desventurado paiz.

Já tínhamos posto o ponto final n'este artigo, quando lemos no *Jornal de Estarreja* a seguinte bem escripta noticia que não devemos deixar de dar aos nossos leitores, mesmo porque com ella reforçamos o que acaba de ler-se. Eil-a:

«A ultima freira do convento de Sá, em Aveiro, retirou-se d'ali no dia 17, fixando a sua residencia na freguezia de Ermelá, d'este concelho. E' a exc.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Anna Benedicta de S. Miguel. O governo tomou conta do edificio, que vac servir para o quartel de cavallaria 10, estacionado n'aquella cidade. A boa senhora, ao sair pela primeira e ultima vez, a porta que entrara ha perto de 60 annos, julgaria, talvez, resurgir do tumulo para vir de novo soffrer os vaes vens da vida. *Morta para a sociedade* reaparece n'ella, espavorida, tremola, mal

vendo e mal percebendo por onde vac. Não a deixaram morrer alli, socegada e tranquilla, a ella que tinha lá toda a sua mocidade, todos os sacrificios da reclusão e todas as suas esperanças sepultadas uma a uma nos claustros frios que se estão derrocando.

N'uma violencia necessaria ao caminhar do progresso, disseram á pobre velhinha, *levanta-te e caminha*, como se ella fosse o paralytico dos tempos biblicos e o camartello o Deus das necessidades modernas. Levanta-te, caminha para soffreres, tu, que para não gosares com remorsos, foste, alma candida, esconder a tua afenidade humana nas dobras do manto divino, quando o coração pulsava com a mocidade e a vida te sorria. Chorou, e se não chorou, é porque já não teria lagrimas ao deixar a cella em que sessenta annos habitara, que durante vinte mil dias medira com a vista, e em que quinhentas mil horas da sua vida se haviam deslizado, placidas na apparencia, santas na intenção e... talvez, bem amarguradas nas recordações do mundo que sacrificara ao ceu. E todavia, a sua alma teve ainda uma saudade para atirar aos que tantas vezes haviam contado com o seu caridoso coração e disse adeus aos seus pobres da cidade. Esquecendo-se de si, ainda na hora extrema da sua riqueza, disse aos que de ella viviam—*tenho pena porque vos falto.*

Muito agradecemos ao nosso esclarecido collega de Estarreja esta noticia, e por esta occasião lhe damos os parabens, por não pretender ao jornalismo que em Portugal se acha ao serviço da Revolução.

*Elias de Sampaio.*

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### O Padre Beckx

Geral da Companhia do Jesus

**N**ão temos duvida alguma de que seja sympathico a nossos assignantes (que todos, como *bons catholicos, são jesuitas*) o retrato do venerando P.<sup>o</sup> Pedro Beckx. Assim a nossa penna podesse avivar os expressivos traços da gravura e representar aos leitores a suave modestia, affavel haneza e compostissima gravidade d'um semblante que os annos parecem respeitar deixando-o inalteravelmente placido co-

mo o espirito que n'elle se reflecte. Os que se approximam pela primeira vez d'este sancto ancião, extranham que uma estatura mediana, com agradaveis maneiras e sem algum ar de affectação, corresponda a um vulto moralmente grande entre os maiores que tem visto o seculo corrente.

Da sua vida, que já pertence á historia, daremos aqui só algumas datas e rapidos apontamentos.

Justamente se ufana a Belgica de contar entre os seus mais illustres filhos a este varão que nasceu em Siehem, pequena povoação do Brabante meridional, aos 8 de fevereiro de 1795, no seio d'uma familia humilde e pouco abastada. Sem saberem os piedosos paes quanto os queria Deus ennobrecer com este filho, não se pouparam a esforços para lhe darem uma perfeita educação, desde que viram n'elle vocação para o estado ecclesiastico. Abençoados sacrificios que deram á Egreja este insigne luminar!

O joven levita, adornado de sciencia e de todas as virtudes, celebrou missa nova em março de 1819, no mesmo anno e quasi ao mesmo tempo que na Italia se ordenava um sacerdote que com elle havia de ter as mais importantes relações governando a Egreja de Deus gloriosamente e chamando-se Pio IX. D'ahi a poucos mezes, no dia 29 de outubro do dicto anno, a Companhia de Jesus recebia noviço aquelle a quem reconhece ainda hoje por seu Preposito Geral.

Poucos jesuitas havia então na Belgica, todos dispersos pelo furor da perseguição: a existencia da Companhia em toda a parte era precaria e agitada incessantemente de violentos vaivens: a maçonaria vigorosa e phrenetica, pegando fogo ás suas minas, forcejava por destruir d'envolta com outras instituições a obra de Santo Ignacio apenas restaurada e já possante pela vitalidade sobrenatural do Instituto. Nestas circumstancias Pedro Beckx não sómente ao vestir a roupeta, morreu para as honras e glorias do seculo; mas abraçou todas as ignominias da Cruz, offerecendo-se logo ao desterro e ao martyrio. Todavia a Providencia com aquella mão que exalta os humildes, foi-o elevando por passos conta-

dos a outras eminencias em que o mundo havia de admirar um composto brillantissimo de virtudes e talentos que por muito tempo se lhe occultara.

Pelos annos de 1830 a 33 a calumnia encarregou-se de dar celebridade europea ao nome do P. Beckx. Por determinação do Summo pontifice assistira elle em Koethen ao duque de Anhalt, que em 1825 abjurara o lutheranismo, sendo seu director espiritual até aos ultimos momentos e sempre evangelizando o povo d'aquelle principado com zelo apostolico, moderado pela prudencia, que foi n'elle virtude caracteristica desde a juventude. Accusado por um jornal da Saxonia (*Der canonische Wachter*) de ensinar que era licito matar os herejes e até de ter mettido um punhal na mão de certo protestante com esse fim, viu-se precisado a recorrer aos tribunaes, onde os juizes, que eram protestantes e apoiados na lei lutherana, tardaram em fazer justiça, mas por fim condemnaram em primeira e segunda instancia o publicista Hurlebusch, que era tambem presidente do consistorio do ducado de Brunswick, como calumniador. A sentença foi publicada na *Gazeta official de Brunswick*. A justiça do céu quiz vingar manifestamente o P. Beckx. Em breve morreu Hurlebusch ferido de apoplexia fulminante. Seu cumplice Timpe andou vagabundo e acozado de remorsos até que se apresentou aos tribunaes de Colonia desdizendo se dos alevices que assacara aos jesuitas.

Para os leitores conhecerem o heroísmo d'este digno filho e successor de Santo Ignacio de Loyola, bastará um exemplo. Levado da sua caridade ia a entrar n'uma povoação onde a *cholera morbus* grassava espantosamente, quando lhe detem o passo uma sentinella do cordão sanitario sem querer ouvir a necessidade urgente, que o padre lhe allegava, de socorrer os moribundos.

—São ordens, replica o soldado. Se dá um passo ávante, faço fogo: é o meu dever.

—Pois cumpra o seu dever, que eu cumpro o meu. E dizendo isto o P. Beckx avança sereno e rapido.

A sentinella cumpriu a ordem com prudencia disparando para o alto; e o padre foi buscar a

morte á cabeceira dos desamparados cholericos.

Este jesuita, cheio do espirito de Santo Ignacio, residia em Vienna d'Austria como provincial e confessor da imperatriz, quando falleceu em Roma o muito revd.º P. João Root—haan, sabio e magnanimo Geral que regem admiravelmente a Companhia (desde julho de 1829) por quasi vinte e quatro annos de gloriosas tribulações entre os triumphos e derrotas da Revolução. A Companhia reunida em Congregação geral na Casa Professa de Roma achou todas as qualidades requeridas pelo Instituto na pessoa do P. Beckx, o qual saiu eleito logo ao primeiro escrutinio, no dia da Visitação da Virgem a Santa Isabel, em 2 de julho de 1853.

O grande Pio IX não sómente confirmou a eleição, louvando a brevidade com que se procedera; mas bem depressa mostrou ao novo Geral sua elevada estima e confiança. Os romanos, acostumados a ver e julgar homens extraordinarios e por isso desprezadores de qualquer mediocre virtude, não tardaram a conhecer este modello de perfeição religiosa e a professar-lhe toda a veneração que se pode tributar ainda em vida a um sancto. Com este epitheto o designam hoje como então: e com este mesmo foi nomeado por S. Sanctidade Leão XIII, deante de alguns personagens, depois de uma audiencia particular.

Para justificar este nome, que em taes labios é quasi uma canonização, bastaria a perfeita egualdade d'animo, dom extraordinario do Espirito Sancto, com que ha dominado todas as vicissitudes do seu generalato por mais de trinta largos annos, sempre humilde e forte, sempre o mesmo—nos triumphos e nos revezes—e sobranceiro sempre á politica dos homens, sem transigir nem ceder jamais.

E' tambem um prodigio a conservação d'essa vida preciosa, que n'este longo tracto do seculo XIX foi o centro e primeiro movel da pasmosa actividade que tem mostrado a Companhia de Jesus nas cinco partes do mundo por onde se dilatou a despeito de seus inimigos, cultivando todas as sciencias, convertendo peccadores, reduzindo herejes e schismaticos, conseguin-

do civilizar tribus selvagens e padecendo perseguições mais que selvagens entre povos civilizados.

Todavia nos ultimos annos, com o peso da provecida idade, a compleição do P.º Beckx, já de si pouco robusta, tem soffrido graves abatimentos; ainda que nada se lhe embaciou a lucidez admiravel das faculdades intellectuaes. Elle mesmo julgou conveniente e supplicou que em sua vida se nomeasse quem o pudesse alliviar das fadigas do cargo e por morte lhe succedesse na dignidade. Para este fim convocou a Congregação geral que reunindo-se em Roma com approvação e benção do Summo Pontifex, na mais perfeita concordia, sem a minima sombra de parcialidades, elegeu por Vigario Geral com direito de futura successão o já bem conhecido e venerado P.º Antonio Anderledy, em 24 de setembro de 1883, festa de N. Senhora das Mercês.

Alguns mezes depois o ancião nonagenario, de seu motu proprio, transmittiu todos os poderes ao seu digno Vigario e passou a descansar em Roma de fadigas tam diuturnas e gloriosas, ou, como elle diz, a esperar a vinda muito proxima do Senhor para quem ha trabalhado. Os exemplos que ali dá de observancia regular e de toda a perfeição causam assim aos de casa como aos de fora devoção ternissima e derramam ao longe aquelle ineffavel perfume que se chama propriamente *cheiro de santidade*.

A sua vida publica está, pois, terminada; mas quem a historiar completamente, poderá encher muitos livros de paginas edificantes e luminosas. Contemplemos o seu retrato e guardemol-o com agradecida veneração, porque nos mostra um atleta da Igreja e um bemfeitor da humanidade.

Não ha no globo e particularmente na Europa uma nação que não lhe deva muitos cuidados e grandes beneficios. O que lhe deve Portugal, não o diremos nós... Mas um dia que alguns portuguezes recommendavam ás suas orações e á sua avangelica sollicitude este desgraçado reino, respondeu o benigno ancião com expressão de muito affecto, apertando os braços sobre o peito; *Oh sim! Portugal tenho-o mettido no coração.*

Esse retrato mostra-nos tambem um verdadeiro e generoso amigo dos Portuguezes.

R.

## SECÇÃO LITTERARIA

### Teu Anjo da guarda (1)

**C**ADA minuto que passa, cada segundo batido, é novo mimo da graça pelo teu Anjo cedido...

O Anjo que alvares veste, enviado affavel dos céos, em cujas azas vieste á terra, das mãos de Deus...

Amigo fiel desde o berço, a quem sorrias na infancia, por quem andavas immerso de casto amor na fragrancia...

Teu paronympho d'outrora, da prima quadra tão bella, que os passos teus, inda'gora, ai tão solícito vela!

Se acaso acordas, te espreita; caminhas, d'elle vem luz; se canças, logo te ageita repouso no pé da Cruz.

Noite e dia, eil-o presente, de buida espada a teu lado... Por sentinella valente nunca assim rei foi guardado.

Se incauto acaso tropeças, põe-se a chorar, a chorar... mas se a invocas te apressas, passa do choro ao cantar.

A esp'rança incerta fugiu-te? colheu-te a vaga da noute? veio a desgraça, e feriu-te? veio a doença, e prostrou-te?...

A amor, de mãe cedo a morte pisou sob algida lousa?... Mudou-se o rumo da sorte? mas d'Elle... o olhar em ti pouza!...

Como a aguiá induz os filhinhos vôo a ensaiarem no espaço, assim seus brandos carinhos te animam tremulo passo.

(1) Temos ha muito em nosso poder esta mimosa poesia, publicando-a só agora, para ser a verdadeira descripção da gravura — o Anjo da guarda — que andamos distribuindo como brinde aos nossos assignantes.

A redacção.

Mal se revoltam as ondas sob tua barca tão leve, tens ádito onde te escondas em suas azas de neve...

Nas azas, longas, serenas, abrigo certo da esp'rança... iris de espheras amenas, donde promana a bonança!

Azas—amparo de amigo na tenebrosa viagem, sempre a atalharem o p'riego que vem deter-te a romagem...

Rêsteas de alvor scintillante em tua fronte a luzir, indicando em cada instante o esteiro que has de seguir.

Azas—que apenas se estendem sentes n'alma a flecidade, quaes sendo as vias que prendem este exilio á eternidade.

Feliz se rapido n'ellas te sabes ir esconder, quando o furor das procellas entra a bramir, a crescer.

Feliz, feliz! se o destino buscarem os olhos teus n'esse gentil peregrino, —santo emissario de Deus!

Mas se, oh desgraça! algum dia, perdido em trevas a flux, posto em extrema agonia, errares-lhe a amiga luz...

quando em tredo cataclysmo em hoste os ventos se unirem, e aos pés os antros do abysmo fauces medonhas abrirem,

não tremas, não!... Mas teus olhos põe supplicantes no céu, e clama d'entre os escolhos: «Perdi o norte, Anjo meu!

«Volve-me a luz, o remanso! «desmaio... oscillo sem ti! «ah vem salvar-me!» E de lanço dir-te-á sua voz: «Eis-me aqui».

Que todo o instante que passa, todo o segundo volvido, é mimo excelso de graça pelo teu Anjo cedido.

Manuel Maria Fructuoso.



## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

## A mulher christã

**F**AZ-SE pedaços a sociedade, e a familia esfacela-se com uma rapidez vertiginosa. A mulher, que devera ser o anjo bom da familia, que devera presidir com o sorriso nos labios a todas alegrias e a todas as desventuras do lar, esqueceu-se da sua missão providencial e riu-se sobre os pedaços do seu manto de rainha, calcando synicamente os fragmentos da sua coroa de soberana.

E a paz e o quietismo do lar foram trocados pelo bolicio das festas, pela devassidão dos bailes e pelas scenas orgiarchicas dos theatros. O abraço innocente que a mulher dava outr'ora ao pae octogenario, à irmãsinha que sahia do berço ou ao filhinho que se lhe pendurava do seio, é hoje trocado pelo aperto de mão concedido em plena praça publica ao primeiro dandy que pretende escalar o santuario onde a virtude devera murar.

A filha esqueceu os carinhos da mãe, a esposa os laços que a prendem ao homem a quem jurara amor, e a mãe repele os filhos; por que o doce nome de mãe, de esposa, de filha, parece-lhe uma pieguice dos tempos idos, antagonismo atroz entre o bem estar da familia, e o louco, o tristemente louco viver das convivencias pouco ou nada licitas.

O amor puro, esse amor que convertera Magdalena, que fizera perseverar Santa Thereza de Jesus, e que no presente seculo tem povoado o mundo de heroínas, tem sido trocado por prazeres mentidos, por immundos devancios, pelo estroinçar que tanto agrada a uma geração corrupta e corruptora.

O livro de orações foi trocado pelo romance, e a leitura prefumada, que tanto agradara a nossos avós, foi posta de parte para se dar lugar à gazeta escripta com petroleo, ao folheto recordando o cheiro miasmatico dos lupanares e dos bordeis. E são as mas leituras que pervertem a actual sociedade, que a arrastam à degradação e ao desrespeito.

O suicidio, a miseria, os crimes mais horrorosos são o fructo colhido da má imprensa; e se ella não fôr substituida pela boa imprensa; se aos maus livros se não opposer o

bom livro, o bom jornal ao jornal atheu, em breve a familia se vera desfeita e a sociedade a braços com a maior das fatalidades.

E' por isso que nos congratulamos quando um bom livro nos entra em casa, quando achamos em paginas de ouro consolação para todos os pesares, remedio para todos os males, que affligem a humanidade. O livro que acabamos de ler, A MULHER CHRISTA, DESDE O NASCIMENTO ATÉ À MORTE, por M.<sup>me</sup> M. de Marcey, trasladado a portuguez pelo notavel escriptor catholico e maviosissimo poeta o Ex.<sup>mo</sup> Snr. A. Moreira Bello, bem conhecido de nossos leitores; este livro, dizemos veio alegrar o nosso espirito, veio dar-nos horas de ineffavel prazer, como só pode dar-nos a boa leitura, e veio tambem dar-nos occasião de nos dirijirmos às mães, às esposas, às filhas, a todas as mulheres.

Sim nós dirijimo-nos a todas as mulheres recomendando-lhe o livro —A Mulher christã: às mães para o lerem e darem a seus filhos; as esposas para que aprendam a sel-o como devem; às filhas para o saberem ser como Deus manda, para se pre-disporem a serem boas esposas e boas mães, e a todas, finalmente para saberem ser Mulheres christãs.

Lede, lede o livro que tão gratas impressões nos deixou, que tercis muito que agradecer-nos, como nós agradecemos ao illustrado e catholico traductor a valiosa offerta. Livros como este deverão ser lidos por todos, em todas as casas deverão ter entrada, porque é d'estes livros que ha-de sahir a regeneração da actual sociedade.

O editor d'este precioso livro é o Snr. Manuel Malheiro, benemerito propagador de boas obras, a quem agradecemos os bons serviços prestados e a quem podem ser feitos os pedidos, para a rua da Picaria, no Porto, ou ao *Progresso Catholico*. Veja-se o annuncio.

— *Orações compostas pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. João Maria do Amaral e Pimentel, Bispo de Angra*, é o primeiro livrinho que se nos depára, em meio da confusão de livros, folhetos jornaes etc, que nos pejam a meza de trabalho. Livrinho é este de tanta importancia, que, por si mesmo se recommenda, e que se assim não fosse, que fazer podia, para o recomendar, o encarregado de uma secção do *Progresso Catholico*, quando o seu autor é um Bispo, e um dos mais

venerandos Prelados da Egreja de Jesus Christo?

Apenas noticiamos a sua aparição e para que todos se apressem a adquiril-o, diremos aqui:

*S. Ex.<sup>o</sup> Rev.<sup>ma</sup>, o Snr. Bispo de Angra concede 40 dias de indulgencia a quem rezar ou ouvir recitar com devoção cada uma das orações contidas n'este pequeno livrinho, e em cada dia que o fizer.*

Agradecendo o exemplar que S. Ex.<sup>o</sup> Rev.<sup>ma</sup> se dignou fazer enviar-nos, temos feito tudo quanto na nossa humildade fazer podiamos.

— Chamamos a attenção de todas as pessoas, que se interessam por um bom cathecismo para o CATECISMO DA DOCTRINA CHRISTA composto especialmente para a diocese da Madeira, pois elle, parece-nos, reúne todas as qualidades que deve ter um livro d'esta natureza. E' completo sem ser demasiadamente extenso, é claro e singelo, é um livrinho verdadeiramente popular, e barato. Contem o que se torna mais necessario saber sobre a infallibilidade do Santo Padre e sobre a leitura das Biblias protestantes, o que em vão se procura n'outros catecismos. Contem as orações principaes d'um livro de missa, um resumo da historia sagrada e para cima de 60 canticos dos mais populares.

Este catecismo fôra do Madeira tem sido adoptado por Suas Ex.<sup>as</sup> R.<sup>mas</sup> os Snrs. Bispos de Angola e dos Açores e traz igualmente a approvação da authoridade ecclesiastica das dioceses do Cabo Verde e de S. Thomé e Príncipe. Umã prova de quanto elle tem sido apreciado é a de que em 4 annos se tornaram necessarias 4 edições.

Qualquer encomenda acompanhada da sua importancia deve ser dirigida á Portaria do Seminario do Funchal.

Preço, 1 vol. encad. 160 Rs. franco de porte.

— O snr. J. Leite de Vasconcellos, em um pequeno livro que os snrs. Clavel & C.<sup>a</sup> editaram, dá-nos nas suas FLORES MEIRANEZAS, uma ideia, da lingua que, segundo elle, se falla em Meiranda. Trabalho digno de melhores recompensas é este do snr. Vasconcellos, pois que, em verso, nos torna conhecida antiquissima linguagem, e nos mos-

tra tambem o estudo que d'ella fizera.

E' seu preço de 100 rs., tornando-se ao alcance de todos. Para os amadores é trabalho de subido aprego.

—De polemica politico-catholico temos tambem algo, e bem digno de ler-se, ainda que pelo titulo amedronte alguém. CASOS DE CONSCIENCIA A PROPOSITO DA UNIÃO CATHOLICA EM PORTUGAL, assim se intitula o pequeno folheto, e é assignado por *Um esturrado*. E' editor d'esta obra a sra. J. J. Reis Leitão, de Coimbra, e custa 60 rs.

Bom era que estes livrinhos fossem bem lidos, porque as cabeças nem todas por ali andam no seu lugar acerca da União catholica.

—O sr. David Corazzi, de Lisboa, tambem nos mimoseia com *algumas* das suas edições. Entre as que lhe agradecemos mencionamos o 2.º vol. do *KERABANO CABEÇUDO*, por Julio Verne, obra de que já fallamos no receber o 1.º vol. São sempre interessantes os livros d'este notavel escriptor, e bem desejaramos antepol-os a muitos outros que por ali desmoralisam a nossa boa gente.

—Do mesmo editor temos varios volumes da BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS, e o 10.º livrinho das BIOGRAPHIAS DE HOMENS CELEBRES DOS TEMPOS ANTIGOS E MODERNOS, sob o titulo de VASCO DA GAMA.

—Explendido livro anda publicando o sr. José Maria d'Almeida, de Vizeu, livro de que muito se carece em Portugal, e que, por isso, muito nos empenhamos em que se divulgue.

A RELIGIÃO EM FACE DA SCIENCIA é o seu titulo, e o auctor é o Abbade Alecis Arduin, doutor em theologia, e antigo discipulo do Collegio Romano. E' feita a traducção pelo bem conhecido escriptor Antonio Maria d'Almeida Netto, e se dissermos que serviu para o trabalho do notavel traductor a 3.ª edição, temos feito grande elogio á obra.

—Accusamos tambem ter recebido o 4.º vol. da REVISTA DE GUIMARÃES, publicação da Sociedade Martins Sarmiento, correspondente a outubro do anno

passado. Tambem recebemos o RELATORIO DA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL DE GUIMARÃES EM 1884, exposição de que o «Progresso Catholico» se occupou.

A' redacção do nosso esclarecido collega, o «Thabôr», de S. Paulo (Brazil), agradecemos o haver transcripto em seu n.º 248 o artigo que no «Progresso Catholico» fôra publicado no secção illustrada do n.º 23 do 6.º vol. sob o titulo de *S. Francisco d'Assis*, assim como a transcripção que anda fazendo do livro editado pelo Centro de Propaganda Catholica, sob o titulo de O POSITIVISMO E A SOCIEDADE, por Carlos José Caldeira. E' mais uma prova da importancia do livro.

*Alberto dos Guimarães.*

## RETROSPECTO DA QUINZENA

Estiveram em Guimarães, e fizeram-nos a honra da sua visita:

O Revd.º P.º Antonio Baptista Linhares, ultimamente nomeado Arcipreste de Cabeceiras de Basto, com cuja nomeação nos congratulamos, dando os parabens ao nosso dedicado amigo e ao clero a que vae presidir.

Os destemidos propagandistas do «Progresso Catholico», e nossos bondosos amigos Srs. Duarte Leite Bragança e José Fernandes Carneiro Braga, a quem este Centro deve relevantissimos serviços, que já mais esqueceremos; os srs. Manoel Joaquim Teixeira Alves, Bento Gonçalves Queiroz, Padre Antonio José Correia Ramalho, e Joaquim Pereira de Mattos, que, em meio dos negocios que o trouxeram ao Minho se não esqueceu de nós.

A todos o nosso agradecimento.

Tambem tivemos o prazer de cumprimentar o notavel orador sagrado o R.º Sr. Conego da Sé de Lamego, dr. Santos Monteiro, que veio de Villa do Conde fazer o sermão das Dores na igreja de S. Francisco, fechando com chave de ouro aquella festividade, cujas pompas se devem ao nosso amigo o sr. Antonio Peixoto de Mattos Chaves e familia.

Tambem esteve em Guimarães o distincto collaborador do *Progresso Catholico* Revd.º Sr. João Antonio Velloso, que veio de Braga pregar o sermão do Enterro. Não tivemos o prazer da sua visita nem de o escutar, porque encommodos de saude nos deteram em casa os ultimos dias da Semana Santa.

Por ultimo fomos mimoseados com um abraço do nosso amigo Joaquim de Mattos Chaves, medico distincto em Lisboa. As visitas d'este nosso amigo transportam-nos aos nossos tempos de

rapaz, a esses tempos descuidados em que a vida se passava longe dos cuidados que ora nos prendem a ambos.

Pelos jornaes recebidos do Brazil temos noticias do nosso amigo o Rev.º Padre Senna Freitas, sabendo que chegou a S. Paulo, onde bem recebido foi pelo respeitavel Prelado e por todas as pessoas de consideração.

Sabemos tambem que fora creada no Seminario d'aquella cidade uma nova cadeira, que está sendo regida pelo nosso amigo, a quem enviamos nossas felicitações, ainda que sentindo a sua falta entre nós.

E porque estamos com as folhas do imperio brasileiro, vamos dar uma outra noticia, que mostra assaz quanto a caridade christã é exercida em terras de santa cruz. Ora leam:

«*Grande e sublime donativo.* — O exc.º visconde de Itú, por iniciativa de sua consorte, a exc.ª viscondessa do mesmo titulo, fez uma doação á Santa Casa de Misericordia de mil letas hypothecarias do banco de Credito Real, d'esta cidade, no valor de cem contos de reis, para patrimonio d'essa Santa Casa, com a condição d'ella não poder dispor senão dos seus rendimentos.

Estes actos de philantropia não se commentam.»

Não se commentam estes actos de caridade christã, dizemos nós, e dando a noticia só aspiramos a que ella tenha imitadores por cá.

Imploramos as orações de nossos leitores para um amigo do *Progresso Catholico* que se acha gravemente enfermo, e pedimol-as tambem por uma outra necessidade, e para nós, que tambem d'ellas carecemos.

Uma proeza da Revolução vamos narrar a nossos leitores, para que se saiba quem são os taes meninos.

N'um dos dias da Quaresma sahiu em aparatosa procissão, em Barcelona-primeira cidade de Hespanha, o *Rosa-rio da Aurora da Pia-União de S. Miguel Archanjo*. Os revolucionarios postaram-se ás esquinas das ruas por onde passava a procissão, e os ditos, as pedradas, toda a casta de insultos partia de tão illustradas pessoas. Quando o prestito chegava á praça das *Mercedes* tentaram tomar-lhe a passagem, e as mais horriveis blasphemias, os gritos e cantos escandalosos feriram os ouvidos dos devotos.

Ao entrar na igreja quizeram os revolucionarios entrar tambem, cantando a *Marselheza*, havendo então grande balburdia, muita pancadaria, alguns ferimentos etc., etc. Quando as pessoas religiosas sahiam da igreja ainda os re-

volucionarios estavam na praça, e então os insultos foram dirigidos ás damas! E isto faz-se no tempo da policia, quando as ruas das principaes cidades se acham atrancadas com gente fardada! O jornal d'onde tiramos a noticia conclue dizendo:—*Los agentes de la autoridad local en general permanecieron impassibles durante esta larga asonada.*

Podera.

Mas Deus que não deixa nada sem castigo n'este mundo, já que a policia em Barcelona não quiz encommostrar-se defendendo os catholicos, fez-a andar em brasa em Madrid para defender o que representa a primeira auctoridade em Hespanha.

Os telegrammas annunciam que D. Affonso XII não visitou as egrejas de Madrid em 5.ª feira maior, porque o governador civil descobrira uma conspiração que tinha por fim matar o Rei. Eis a policia a caçar os revolucionarios, mettendo na cadeia 8 e esperando lá metter mais.

Eis o castigo de Deus! Os mesmos que insultam os *catholicos* serão os matam os reis.

Parece que se dera ha pouco em Roma um grave conflicto entre o Vaticano e o embaixador hespanhol junto de S. Santidade. Foi o caso de haver a esposa do rei Humberto assistido a um baile dado na embaixada hespanhola, contra a expressa vontade do Papa. Por este facto, diz-se, fôra ameaçada a Hespanha da retirada do Nuncio de Madrid, se se não desse immediata satisfação, a qual, segundo se depreheende dos jornaes estrangeiros, se dera com a mudança de uma parte da embaixada hespanhola em Roma.

Estes diplomatas, mesmo os do *catholico* governo hespanhol não sabem que não podem arder duas velas ao mesmo tempo, uma a S. Miguel, outra á pianha!...

Dão-nos os jornaes brazileiros a noticia de haver partido no dia 18 de fevereiro para o Ceará o muito Revd.º Snr. P.º Lima e Sá, dignissimo secretario de S. Exc.º Revd.º o Snr. Bispo de Olinda. Este nosso amigo e dedicado propagador das doutrinas evangelicas vac em busca de melhor saude, deixando a substituiu-o o digno sacerdote, Revd.º Conego Dr. Ananias Corrêa do Amaral.

Um rapido restabelecimento e prompto regresso ao centro dos seus trabalhos, é o que pedimos a Deus.

Os governos que em nome da liberdade dirigem os destinos d'este paiz bem digno de melhor sorte, não coutentes com a guerra que

promovem á Egreja, conspiram tambem contra a Patria, arrastando-a para o mais terrivel abysmo.

No orçamento apresentado ultimamente pelo governo lê-se o seguinte, que pode dar a medida das desgraças que esperam Portugal:

A receita está calculada, no anno de 84-85 em réis 31.647:317:000 e as despezas, em rs. 40.090:856:590 havemos entre a receita e a despeza um deficit de 8.443:539:590

Quer dizer, o governo, nosso senhor, tem a amabilidade, a generosidade de lançar ás costas do pobre velho, que, com a nome de Portugal, fizera tremar a terra, mais o pesado fardo de OITO MIL E QUATRO CENTOS CONTOS !!

E assim empenhado o thesouro, certa será a bancarrota, e quando ella chegar, quem ha de dar de comer aos parochos, hoje contentes, alguns, com as *inscripções* que lhe dão dinheiro sem trabalho? Quem hade sustentar os Bispos, os cabidos, o professorado, e essa immensidade de gente rica, que hoje vive dos 3 p. c. das *inscripções*?

Que miseria vac cobrir Portugal! Que multidão andrajosa se vac juntar aos pobres que já hoje pejam as ruas das cidades mais populosas!

E enquanto, os assassinos da Patria, terão palacios, soberbos trens, e viverão vida regalada, porque nem terão remorsos das desgraças que causaram.

Alguns periodicos do Porto, de Famalicao, e de certo, os de outras terras do reino, que se aferem pela vitola do *Athleta*, deram a noticia de que uma senhora (rapariga, lhe chamavam os zoilos) da freguezia de Gavião, do concelho de Famalicao fora levada para casa das Irmãs Hospitalciras em Lisboa, por suggestões d'um padre (e das Irmãs, que estão no Hospital d'aquella Villa. Foi uma bulha, um alevante, que nem o da Maria da Fonte. Dizia-se que ella levára uma somma consideravel de dinheiro, que abandonára a familia, contra vontade da mesma, e trinta mil trapças que os inimigos da sociedade costumam inventar para conseguir os seus nefandos fins.

Felizmente a verdade é facho que erradia seus clarões por toda a parte, e, mesmo em meio do mais cerrado nevoeiro ella apparece para confundir os seus inimigos.

Contra os calumniadores de Famalicao e seus confrades das outras terras appareceu ella, a Verdade,

nas columnas do nosso collega *A Gazeta de Famalicao*, n'uma carta que com prazer transcrevemos. Eil-a:

Snr. redactor

A um «veneravel» escriba pareceu insufficiente a noticia referida pelo *Commercio Portuguez* com o titulo que nos serve de epigraphe, e com o mesmo titulo houve por bem transcrevel-a e amplial-a no *Villanovense* de 7 do corrente. O ignobil escriba pretende fazer escandalo com a noticia de se haver recolhido ao Instituto das irmãs de caridade de Lisboa uma rapariga de Gavião, por instigações do seu confessor e das irmãs de caridade do Hospital d'esta villa; esqueceu-se, porém, de dizer que esta rapariga tinha cêrca de trinta e oito annos de idade e que antes de se retirar para Lisboa obtivera licença do Pae. Releve-se-lhe a *boa fé* com que pretendeu preparar a opinião publica, por certo revoltada contra o horrendo facto!

Não estranhará o grito de guerra ás irmãs de caridade quem tiver seguido de perto as nossas questões hospitalares e se recordar do figurão que outr'ora se manifestou contra ellas pela mui simples rasão de serem rigorosas no cumprimento de seus deveres e sobre tudo por uzarem habito preto e touca fóra da moda!

Dominado por um odio satânico, não por certo ás pessoas como ás ideias que symbolisam, o ignobil escriba arremetteu de novo contra ellas pelo facto já referido, como que se a rapariga não fosse de maior idade para dispor livremente de si, e não tivesse além d'isso consentimento do Pae ou estivesse provado que alguém a persuadiu e a persuasão n este caso seja um crime!

Deve ser bem conhecido de todos o fim que o ignobil escriba teve em vista—predispôr a opinião contra as irmãs de caridade para opportunamente as espulsarem.

Consta que a Meza já se reuniu para este fim, e que o não conseguiu.

Bem haja os dignos mezarios que se opposeram á adopção d'uma medida de proveniencia «triangular», medida que é attentatoria dos mais legitimos interesses dos pobres que se abrigam no nosso hospital.

S.

Ahi fica desmascarado mais um d'esses infames calumniadores, que tem pôr officio maldizer as Irmãs de Caridade, e ficam tambem 'na carta que acaba de ler-se, os moti-

vos que teem para as odiarem. E' por ellas serem rigorosas, no cumprimento de seus deveres. E esse rigor não consente que nos hospitaes se façam *tainas*, se beba e coma à larga, à custa dos pobres, se dê largas à mais desenfreada orgia. Os inimigos das *Irmãs de Caridade*, não querem esses rigores, porque teem grandes barrigas, vivem de merendas, só estão contentes depois de beberem bem, e gostam de tudo isto à custa dos pobres, que deixam à mingua no leito do hospital. As *Irmãs de Caridade* deixam de comer, se tanto for myster, para tratar bem os doentes, e por isso são odiadas. Mas as *Irmãs de Caridade* ficarão, os seculos levantar-lhe-hão padrões de gloria, e os Zangões desaparecerão em meio da indiferença publica, como em meio da indiferença publica vivem, mordendo-se de raiva, por nem terem ao menos quem os leve aos tribunaes e de lá às costas de Africa.

E já que fallamos em *Irmãs de Caridade*, e para vergonha e confusão dos coisissima nenhuma que as guerreiam, copiamos do «Diario de Noticias», que tambem é dos taes, mas que não pode esconder a verdade em certas occasiões, a seguinte noticia:

*A favor das «Irmãs Hospitalleiras»*

«Como sabem, são as irmãs da caridade portuguezas. Deve-se a sua existencia ao linado padre Beirão, que as mergulhou no fanatismo do bem, na abnegação de si mesmas, no desprezo de todas as cousas da vida... até d'isto que não pôde ser inteiramente considerado um luxo humano, a comida. Velar à cabeceira dos doentes, lutar com a miseria, a enfermidade e a morte, é a sua missão. Affrontando todas as privações temporaes, e perigos, ellas vão a toda a parte aonde a doença ou a dôr as chama; affrontando até para isso o oceano. Mas como ninguem cuida de lhes angariar o pão soffrem necessidades. Uma commissão em que estão as senhoras Marquezas de Fronteira e Pombal, condessa do Paço do Lumiar, viscondessá de Carvalho, D. Maria Amalia Machado, e os snrs. Marquez de Fronteira, Jorge Veiga e D. José de Lorena, lhes promove um beneficio no salão da Trindade na noite de 10, para o qual se offerece generosamente a notavel orchestra dos zingaros, que é presentemente a maior novidade de Lisboa.»

E teve lugar o tal beneficio, e querem saber quanto rendeu? mais de 1:200\$000! UM CONTO E DUZENTOS

MIL REIS, que a sociedade culta da capital offereceu às Irmãs da Caridade! E dizemos a sociedade culta da capital, porque os garotos, de lá e de cá, o dinheiro guardam-no para as tabernas e para os lupanares, e para as pobres Irmãs só teem grosseiros insultos.

Louvemos a Deus, que cada dia confunde mais os seus inimigos.

*J. de Freitas*

### O templo dedicado ao SS. Coração de Jesus, em Lamego

MUITOS trabalhos, que, louvado Deus, nos pezam, tem feito retardar até hoje a publicação do seguinte appello, dirigido aos catholicos portuguezes. Não retardou a sua publicação nem dezamor ao Santissimo Coração de Jesus, a quem tributamos todo o amor da nossa alma, nem desrespeito pelos favores recebidos dos catholicos lamecenses; muito que fazer, e nada mais.

Elle ahí va hoje, e possa elle, ao ser publicado nas columnas do «Progresso Catholico», produzir alguma cousa:

«Corria o anno de 1876. Quem no dia do Coração de Jesus, pelas 11 horas da manhã, penetrasse os umbraes da magestosa cathedral de Lamego, sentir-se-hia commovido por um d'esses espectaculos que só a Religião sabe offerecer. As vastas naves do templo regorgitavam de povo, e contavam-se por centenares o numero de pessoas, que n'esse dia haviam recebido o Pão Eucharistico. O nosso venerando Prelado, circundado pelo cabido e por numeroso clero, de joelhos no subpedaneo do altar-mór, pronunciava a fórmula da consagração da diocese do Sagrado Coração de Jesus, recitando alternadamente *tres P. N. e Credo*, obrigatorios para os filiados na devoção do Coração de Jesus.»

Vê-se, pois, que o bom e religioso povo de Lamego se não demorou em tomar parte n'este concerto suavissimo de louvores e preces que de todos os pontos do mundo sobem até Deus.

Desde aquella profissão de fé, o Apostolado da Oração tem sido implantado em um grande numero de egrejas, e alguns venerandos sacerdotes conceberam o feliz pensamento de levantar um templo em honra do Sagrado Coração. A edificação está principiada, porém ha cerca d'um anno que as obras paralisaram, em razão da falta de recursos. Acha-se construída parte da capella-mór, onde se gastaram todos os donativos que a respeitabilissima commissão promotora da construção pôde obter.

E' para esta fundação abençoada que hoje vimos fazer um appello aos nossos leitores e a todas as pessoas piedosas. Encarocar aos olhos dos catholicos a importancia d'uma obra d'esta natureza, seria fazer uma grave offensa aos seus sentimentos de piedade. Limitamo-nos por isso a observar, que Sua Santidade Leão XIII, em rescripto de 21 de agosto de 1880, concedeu indulgencia plenaria a todas as pessoas que, guardas as condicções do estylo, derem alguma esmola para a construção d'este templo.

Resta-nos agora indicar os nomes dos respeitaveis sacerdotes que promovem a edificação do mesmo, os quaes são os ex.<sup>mos</sup> o rev.<sup>mos</sup> snrs:—dr. Manuel Moreira Aranha Furtado de Mendonça, conego Sebastião Maria de Sequeira, conego Francisco de Carvalho Arruda, padre Miguel Ferreira d'Almeida, padre Francisco da Conceição Pereira Cabral e padre Antonio Joaquim Lopes Roseira.

Os nomes d'estes fervorosos devotos do Sagrado Coração de Jesus são a melhor garantia de rapidos progressos d'esta obra, se lhes não faltarem, como certamente não faltará, a cooperação dos fieis.

Eia, catholicos portuguezes!—Esmola para o Coração de Jesus! Os que teem muito, e muito derem, muito receberão em paga. Os que teem pouco, repartam com Deus d'aquillo que Elle lhes tem dado. Não é Deus bastante rico para pagar o que se lhe dá de boa vontade?

Como sabemos, que prodigios é capaz de operar a piedade que se abriga em peitos portuguezes, seja-nos licito esperar que dentro em pouco veremos continuadas as obras do novo templo consagrado ao Coração de Jesus.

N. B. Os sacerdotes que deram principio á fundação do templo, foram os muito revd.<sup>os</sup> snrs. conegos e doutores José dos Santos Monteiro, parochico actual de Villa do Conde, e Sebastião Maria de Sequeira, com o revd.<sup>o</sup> dr. José Antonio Alves d'Almeida, infelizmente já fallecido.

O padre Antonio Joaquim Lopes Roseira, director do collegio de Lamego, e o revd.<sup>o</sup> Manuel Vieira de Matos, professor de theologia do Seminario de Lamego, imploram a piedade dos fieis em favor de uma obra tão sympathica.»

Em Guimarães podem dirigir-se as offertas a esta redacção e em Barcellos ao revd.<sup>o</sup> Padre Emilio Augusto da Esperança Machado.